



Jornalismo e narrativa: uma análise discursiva da construção de personagens jornalísticos no seqüestro de Abílio Diniz e suas repercussões políticas¹

Diana Paula de SOUZA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Considerando que relatos jornalísticos são narrativas, analisamos a cobertura do seqüestro do empresário Abílio Diniz realizada por *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*. Partimos do conceito de “submissão”, empreendido por Leão Serva, para identificar as estratégias discursivas utilizadas pelas três publicações no tratamento conferido aos seqüestradores. Verificamos como o episódio contribuiu para o resultado das eleições presidenciais de 1989 e para a identificação de grupos guerrilheiros da América Latina como terroristas.

Palavras-chave: jornalismo; narrativa; discurso; personagem jornalístico; Abílio Diniz.

Introdução

Diversos autores reconhecem que relatos jornalísticos são narrativas³. Em uma reportagem, aqueles que têm seu caso mostrado são chamados, no jargão profissional, de personagens. Assim, os personagens jornalísticos são construídos discursivamente a partir de dados do real. São representações discursivas, portanto.

A informação jornalística é trabalhada, o que significa que há uma ênfase em certos aspectos do fato ou das pessoas nele envolvidas em detrimento de outros elementos, que permanecem em segundo plano ou são simplesmente ignorados. Para tanto, os profissionais da área usam os chamados critérios de noticiabilidade, de modo a selecionar o que imaginam que leitor gostaria de ter acesso. Isso acontece também em relação aos personagens, que têm destacados certos traços de sua personalidade.

Pode ocorrer, então, uma ênfase nos aspectos bons ou nos ruins. É por isso que, em muitos casos, à semelhança dos romances de massa, os *best-sellers*, é traçada uma linha que os divide em pólos opostos: bons *versus* maus. Essa polarização é nítida na

¹ Trabalho apresentado ao GP Teorias do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura na ECO/UFRJ. Professora substituta na Facom/UFJF. Jornalista. Bacharel em Direito com pós-graduação em Direito Penal e Processual Penal. E-mail: diana_jfora@yahoo.com.br.

³ Ver MOTTA, 2005; RESENDE, 2005-a; RESENDE, 2005-b; SODRÉ, FERRARI, 1986; TRAQUINA, 2005-a; TRAQUINA, 2005-b.



cobertura realizada pelos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* na ocasião do seqüestro do empresário Abílio Diniz, ocorrido em 1989.

O vice-presidente executivo do Grupo Pão de Açúcar foi seqüestrado em 11 de dezembro daquele ano, em São Paulo. A imprensa só publicou o fato no dia 17, em virtude de um pedido da família para que o crime não fosse divulgado. Na véspera, a polícia paulista havia descoberto o cativo de Diniz, libertado após longa negociação.

Associado aos seqüestros do então presidente do Bradesco, Antônio Beltrán Martínez, do publicitário Luís Sales e do empresário Roberto Medina, o crime, atribuído a integrantes do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) do Chile, desencadeou, segundo penalistas e criminologistas⁴, manobras políticas no Congresso Nacional para aprovar, sem discussões profundas, a Lei de Crimes Hediondos.

Diniz é descrito pelos jornais como um empresário bem sucedido, um *self-made man*, dono de um dos maiores grupos empresariais do país, o Pão de Açúcar. Aos 58 anos na época, era um atleta e participava de maratonas. Ao mesmo tempo em que os veículos vitimizam Diniz, suas características são típicas dos heróis mitológicos ou romanescos, que lutam contra as adversidades e saem vencedores. Do outro lado, há os seqüestradores, os criminosos, ligados a grupos guerrilheiros da América Latina, terroristas, portanto. O que se percebe é um relato maniqueísta, no qual a oposição mocinho *versus* bandido, tão cara à ficção, é reforçada⁵.

Isso significa que os seqüestradores e, portanto, o MIR foram situados no pólo do mal: são os vilões da narrativa. Entretanto, os relatos jornalísticos sobre o caso afirmam que teria sido encontrado, junto com o grupo, material de propaganda política do PT. Percebe-se, então, um esforço dos veículos para estabelecer uma conexão entre o seqüestro e o então candidato à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva.

Neste trabalho vamos nos deter no estudo do discurso empreendido pelos jornais sobre a relação do crime com a esquerda política brasileira e com os movimentos qualificados como guerrilheiros da América Latina. Analisamos as edições de 17 a 20 de dezembro de 1989 por considerarmos que nelas se deu a construção dos personagens jornalísticos, além do relato do uso político do caso e suas repercussões.

As esquerdas e o terrorismo no caso Abílio Diniz

Nossa análise parte da observação de Serva, segundo a qual a importância

⁴ Ver FRANCO, 2007.

⁵ Ver SOUZA, 2008-a, SOUZA 2008-b e SOUZA, 2007.



atribuída ao caso Diniz pela mídia e pela opinião pública tem a ver com o relacionamento estabelecido pela imprensa entre o delito e o segundo turno das eleições presidenciais de 1989. Buscamos perceber o modo como os *media* criaram esta relação.

Segundo Serva, submissão é “o fato que, embora noticiado, tem uma edição que não permite ao receptor compreender ou deter a sua real importância ou mesmo o seu significado”. O próprio autor cita o exemplo da libertação do empresário Abílio Diniz na véspera da eleição presidencial de 1989: um ou até mesmo os dois fatos tiveram menos impacto, já que dividiram a atenção do leitor.

Serva esclarece que a submissão pode colocar dois temas sob um mesmo paradigma para a audiência, que passa a associá-los. Isso gera uma confusão de notícias, que pode levar à “desinformação informada”, pela qual o consumidor, mesmo tendo acesso ao fato, não o compreende plenamente. Assim, a primeira eleição direta pós-ditadura teve seu espaço reduzido nos noticiários em função do crime, deslocando a atenção dos leitores e confundindo as duas situações⁶.

Nos anos seguintes, os criminosos passaram a receber da Justiça, do *establishment* político e de grande parte da opinião pública um tratamento mais severo em relação a outros crimes semelhantes – certamente uma consequência da importância que o fato adquiriu por sua associação com o noticiário da eleição⁷.

Para que possamos desenvolver esta análise, faz-se necessário verificar como os veículos estudados neste trabalho trataram não só os envolvidos diretamente no seqüestro e sua suposta ligação com movimentos guerrilheiros da América Latina, como também o candidato de esquerda na eleição de 1989, Luiz Inácio Lula da Silva.

Vale lembrar que o candidato do PRN, Fernando Collor de Melo, teve o apoio de Roberto Marinho, dono das *Organizações Globo*, o que se refletiu no jornalismo praticado pelos veículos de comunicação do grupo. O exemplo clássico foi a edição do *Jornal Nacional* que se seguiu ao último debate entre os dois candidatos, realizado no dia 14 de dezembro de 1989.

De um modo geral, jornalistas, dirigentes do PT e telespectadores consultados pelo Vox Populi consideraram que o desempenho de Collor tinha sido superior ao de Lula. Assim, o critério adotado na edição para transmitir o compacto do debate foi o tempo dado a cada candidato: “Na condensação do *Jornal Nacional*, Lula falou sete

⁶ SERVA, 2001, p. 66-70.

⁷ *Id. Ibid.*, p. 70.



vezes. Collor, oito: teve direito a uma fala a mais que o adversário. No total, Lula falou 2min22. Collor, 3min34: 1min12 a mais que o candidato do PT”. Segundo Mário Sérgio Conti, na versão do *JN*, “Collor foi o tempo todo sintético e enfático, enquanto Lula apareceu claudicante, inseguro e trocando palavras”. O autor relata que o jornalista Vianey Pinheiro “viu um trecho da nova edição e ficou possesso. Considerou que a nova versão mostrava Collor massacrando Lula e achava que isso não acontecera no debate”⁸. A consequência, de acordo com o autor, foi que:

O dia seguinte, sábado, véspera da votação, foi de tensão na Globo. Na madrugada, a polícia cercara uma casa no bairro do Jabaquara, em São Paulo, onde seqüestradores mantinham em cativeiro o empresário Abílio Diniz, dono dos supermercados Pão de Açúcar. As autoridades policiais tinham avisado à imprensa e os candidatos do seqüestro, e pediram que não o noticiassem para evitar que as investigações fossem prejudicadas. O embargo da notícia foi mantido até que a polícia localizou e cercou o cativeiro. Policiais disseram a repórteres que haviam achado material de propaganda do PT num outro esconderijo dos seqüestradores. A notícia logo se espalhou. Durante todo o dia, algumas emissoras de rádio de São Paulo insinuaram que Diniz fora seqüestrado por petistas⁹.

Para Motta, a mídia utiliza estratégias discursivas com intenções e objetivos determinados. Isso exige a adoção de meios capazes de interferir na organização do texto, estruturando-o em seqüências encadeadas para que o receptor interprete a mensagem o mais próximo possível da intenção do emissor.

A partir desse entendimento nos damos conta de que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação¹⁰.

As notícias e reportagens publicadas sobre um mesmo fato compõem, segundo ele, um conjunto significativo. E acrescenta que não há narrativa ingênua: o emissor tem sempre um propósito. “A narrativa não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos”. Motta afirma “que o jornalismo é uma linguagem argumentativa e não há um estilo jornalístico, mas sim uma retórica jornalística”. Ele entende que:

⁸ CONTI, 1999, p. 269-70.

⁹ *Id. Ibid.*, p. 270.

¹⁰ MOTTA, 2005.



A narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. Procura sempre vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos. É um permanente jogo entre as intenções do jornalista e as intenções do receptor. É polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, *realia* e poética¹¹.

Para o autor, as notícias sobre um fato são fragmentos sem nexo de sentido, com significação parcial. Se as partes forem conectadas, identificando seqüência temática e cronológica, o resultado será uma história diferente, mais completa que a análise isolada das notícias¹².

Esse quadro pode ser observado na página 18 da edição de 17 de dezembro de *O Globo*, que relata como ocorreu o seqüestro. Há menção a fontes da polícia, que teriam dito serem os seqüestradores integrantes do MIR. Começa, aqui, um movimento para identificar os seqüestradores com o comunismo. Note-se que 1989 é o ano da queda do Muro de Berlim, fato tido como o símbolo do fim do socialismo e da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética. Mais adiante, os integrantes do movimento serão qualificados como terroristas, num claro deslocamento do “perigo comum”. Isso significa que, num momento em que os comunistas deixam de representar um perigo à segurança nacional em todo o mundo, começa a construção de um novo “inimigo público número um”: os terroristas, aqui, especificamente, identificados como membros de um movimento político de esquerda.

Segundo o jornal, os policiais teriam revelado, ainda, a estratégia que seria usada pelos seqüestradores: “obter o dinheiro através de um seqüestro longo, com tortura emocional aos parentes”. O uso da palavra “tortura” remete a uma ferida ainda aberta no Brasil em 1989: os casos de tortura a presos políticos ocorridos nos porões da ditadura militar, encerrada em 1985. Tal termo reforça o posicionamento dos seqüestradores no pólo do mal. Diz o jornal:

A polícia identificou a maioria dos criminosos envolvidos, que pretendiam usar armamentos pesados, contando com apoio material e logístico de grupos estrangeiros. O plano era bem diferente do utilizado nos seqüestros de Antônio Beltrán Martínez, Luís Sales e agora Abílio Diniz. Estes obedeceram ao modelo desenvolvido na década de 70 pelo grupo terrorista italiano Brigadas Vermelhas, no qual se destaca o alto profissionalismo e a opção pela pressão psicológica à violência física.

¹¹ *Id. Ibid.*

¹² *Id. Ibid.*



O Globo, ao fornecer explicações sobre o MIR, diz no *lead* de uma das retrancas que “sua principal bandeira é a de usar a luta armada para conquistar o poder e mudar a sociedade”. Tal passagem pode parecer neutra, mas, vale lembrar que foi publicada no dia das primeiras eleições diretas para Presidente, depois de mais de 20 anos de ditadura militar. Assim, num momento em que os brasileiros tinham suas esperanças de construção de um país melhor depositadas naquele que seria eleito pela vontade popular, nada mais caracterizador do inimigo do que tentar chegar ao poder por outros meios que não o sufrágio universal.

Já mencionamos a suposta conexão entre o PT e o seqüestro, que se provou posteriormente não ser verdadeira. A voz só é dada ao candidato Lula numa pequena retranca ao pé da página, espremida por um bloco de anúncios publicitários. O título é: “Lula teme ‘maracutaia’”. No *lead*:

O candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva, disse ontem, no saguão do Estádio Morumbi, minutos antes do início do jogo entre São Paulo e Vasco, que vai ficar de “orelha em pé” para impedir que o desfecho do seqüestro de Abílio Diniz seja “outra maracutaia contra o PT”.

Essa passagem sugere que Lula não deu importância ao seqüestro, já que estava em um jogo de futebol. A ênfase nos termos populares utilizados por ele parece querer desqualificar o candidato para o cargo que pretendia ocupar. Apesar de reproduzir os mesmos termos, a *Folha*, que volta ao caso na página 4 do caderno *Diretas-89*, relata seu abatimento: “Por mais que tentasse esconder, Luis Inácio Lula da Silva aparentava estar deprimido ontem à tarde. Depois que soube detalhes do seqüestro do empresário Abílio Diniz, Lula passou a sorrir cada vez menos”.

A *Folha* é a publicação que trata com maior ênfase esta suposta conexão entre o caso Diniz e o segundo turno das eleições presidenciais. Escreve num box situado acima da manchete:

A notícia de envolvimento dos seqüestradores com o grupo de esquerda chileno MIR e de que dentro do apartamento de um deles havia material de propaganda política do candidato do PT Luiz Inácio Lula da Silva caiu como uma bomba no último dia da campanha eleitoral. O presidente José Sarney disse ao ministro da Justiça, Saulo Ramos, que tudo precisava ser apurado e divulgado com muito critério. Saulo Ramos disse ao presidente que “era um caso de vitória contra a criminalidade. Nada mais que isso”. O presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Eduardo Suplicy, esteve na área próxima à do cativo de Diniz e condenou o seqüestro. Ele rechaçou qualquer insinuação de ligação dos



seqüestradores com o PT.

A publicação lança dúvida sobre o uso político do seqüestro em uma matéria com o título “Escolha do alvo favoreceu o uso político da ação”:

Se o seqüestro de Abílio Diniz teve objetivos políticos, além dos dólares que seriam exigidos do grupo Pão de Açúcar, os responsáveis pela ação escolheram a dedo a figura central. O perfil do empresário e o momento em que foi realizado (e descoberto) oferecem elementos para diferentes interpretações sobre a empreitada.

[...]

O pano-de-fundo [*sic*] também permite associações inevitáveis. As primeiras versões sobre o episódio procuram vincular o seqüestro ao processo político no Chile, para onde seguiriam os recursos obtidos com a ação. Diniz foi tirado de circulação na semana que antecedeu a eleição no Brasil, para a qual procurou contribuir oferecendo um plano de sugestões de política econômica para o futuro governo.

[...]

O seqüestro de Diniz foi visto por assessores do candidato da Frente Brasil Popular [Lula] – ainda na fase em que o incidente não podia ser noticiado – como uma ação que poderia ser explorada, rendendo dividendos eleitorais ao candidato do PRN [Collor].

Como se vê, a *Folha* faz um relato mais imparcial. A matéria acima é uma reportagem interpretativa, o que significa que os fatos são contextualizados, colocando em dúvida a veracidade das afirmações de Fleury e destacando a conveniência do uso político da ação. A postura diferente das duas publicações pode ser explicada por sua linha editorial. Na ocasião, como dissemos, o proprietário das *Organizações Globo*, Roberto Marinho, apoiou abertamente a candidatura de Collor. Já a *Folha*, por ser tradicionalmente um jornal de centro-esquerda, optou por um tom mais neutro no tratamento dessa questão.

O *JB* trata o assunto de forma semelhante a *O Globo*, referindo-se, nas páginas 22 e 23 do 1º caderno, aos seqüestradores como “bando” e destacando sua possível ligação com o MIR e com o PT:

Além da casa da Rua Hashiro Miazaki, a polícia informou ter invadido um apartamento nas proximidades (Rua Charles Darwin), onde morariam os seqüestradores que já estavam presos, e lá teria encontrado panfletos do MIR, propaganda eleitoral da campanha de Luís Inácio Lula da Silva, agendas com telefones de dois líderes petistas, o vice-prefeito paulistano Luiz Eduardo Greenhalgh e o vereador Eduardo Suplicy, presidente da Câmara Municipal, e de Aírton Soares, do PDT. Foi encontrada também, segundo a polícia, uma barraca com ventilação no teto, que teria sido usada no seqüestro do publicitário Luiz Sales, libertado no início de outubro após pagamento de um resgate de US\$ 2,5 milhões. Ainda no final da tarde, o ministro da Justiça, Saulo Ramos,



que acompanhava o caso através de telefonemas a cada 10 minutos, afirmou não ter nenhuma informação sobre a agenda.

Note-se que o *JB*, por dedicar menos espaço ao tema, faz um relato mais objetivo e, portanto, menos parcial.

No dia 18, *O Globo* radicaliza a forma de tratamento dos seqüestradores, como pode ser percebido na matéria principal da página 5 da sessão *O País*:

“Já está confirmado que os terroristas que retiveram em cárcere privado o empresário Abílio Diniz são os mesmos que seqüestraram o publicitário Luis Sales, existindo ainda fortes suspeitas de que também seqüestraram o banqueiro Antonio Beltran Martinez”, disse ontem o delegado Romeu Tuma, ao visitar o Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, Desembargador Lair da Silva Loureiro.

Tuma assegurou que os terroristas integram duas organizações de extrema esquerda no Chile – Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) e Organização de Resistência Armada (ORA) – e que em poder dos que foram presos foi apreendido material de propaganda política do PT.

Segundo Romeu Tuma, os seqüestradores tinham armas pesadas, inclusive metralhadoras italianas Bereta. Suspeitava-se que eles tivessem também explosivos e que algumas paredes da casa cercada pela Polícia tenham sido minadas. [...] Tuma assinalou que se trata de grupo terrorista internacional, “psicologicamente preparado e sabe executar um seqüestro e manter a polícia sob tensão”.

Observe-se que, em três parágrafos, o termo “terrorista” ou seu plural foi utilizado três vezes. O jornal mantém uma aparente objetividade, pois atribui a utilização da palavra à fonte principal: Saulo Ramos. Faz-se uma associação entre o terrorismo e movimentos de esquerda, sejam eles os grupos guerrilheiros chilenos, seja o Partido dos Trabalhadores. A publicação faz uma ligação sutil do PT com o MIR e o ORA, já que se refere aos três organismos na mesma frase, sugerindo que o PT teria ligação com as organizações guerrilheiras. A referência aos armamentos supostamente encontrados com os seqüestradores reforça sua posição no pólo do mal. Já a conexão com os seqüestros de Sales e Martinez, ainda que não houvesse provas quanto a este último, já sugere haver nos meios de comunicação uma campanha para se punir mais severamente este crime.

A publicação atribui a crueldade como característica dos seqüestradores ao afirmar, na matéria “Empresário ficou preso em um buraco no quintal da casa”, que “o empresário Abílio Diniz foi mantido em cativo em um buraco de dois metros de diâmetro, revestido com lonas plásticas, de listas verdes e brancas, cavado no quintal da casa 59 da Praça Hashiro Yamazaki [*sic*], no Parque Jabaquara”. As outras duas



publicações também se referem ao fato de forma semelhante.

O *JB* trata os seqüestradores ora como “bando”, ora como “quadrilha”. Segundo um box publicado na página 12 do primeiro caderno, intitulado “Líder disparou tiro de 45 só para assustar”:

O clima de confronto entre a polícia e os seqüestradores do empresário Abílio Diniz começou logo nas primeiras horas da manhã de sábado, quando um policial [...] tentou saltar para a laje dos fundos da casa.

[...]

O líder do bando abriu o vitrô da parte superior, na frente do sobrado, xingou a polícia e, aos gritos, ameaçou atirar contra Diniz caso a área não fosse imediatamente evacuada.

[...]

Dois bandidos armados de metralhadoras mandaram o policial sair. No mesmo instante, Juan gritou que não havia acordo e avisou que, se houvesse confronto, o empresário seria assassinado.

Percebe-se que, quando um dos integrantes do grupo é individualizado, o que se destaca são características que o aproximam de um vilão: gritos e ameaça de morte.

A matéria principal da página 13, “Polícia suspeita que quadrilha atuou no caso Sales”, adota um tom mais neutro e descritivo, embora mantenha a utilização dos termos “bando” e “quadrilha”. Segundo o *lead*, “a polícia paulista não tinha dúvidas de que se trata de uma quadrilha internacional”. Além disso, cita que “as autoridades afirmam ter certeza de que este é o mesmo bando que seqüestrou o publicitário Luiz Sales”. Vale destacar que a suposta neutralidade da publicação se dá em virtude da atribuição das falas a fontes oficiais. Contudo, em ambas as passagens, as expressões “não tinha dúvidas” e “afirmam ter certeza” sugerem para a audiência que o relato é um retrato fiel da realidade, portanto, uma verdade absoluta. O tom aparentemente ameno é abandonado no box intitulado “Investigações sobre conexão em seis países”:

Uma conexão internacional de terroristas, narcotraficantes e seqüestradores, com atuação em seis países da América do Sul, incluindo o Brasil, está sendo investigada e acompanhada pelas autoridades policiais argentinas há pelo menos dois anos. Fontes diplomáticas com base em Buenos Aires asseguraram que nestas investigações foi possível estabelecer relações entre os fatos aparentemente desconexos, como o ataque ao Quartel de La Tablada, na Argentina, e o seqüestro do banqueiro Antônio Beltrán Martínez, no Brasil.

A matéria diz que “os Estados Unidos foram o primeiro país a levantar a possibilidade de uma estreita relação entre terroristas e traficantes de drogas na América Latina”. Note-se que o *JB*, como *O Globo*, enfatiza a caracterização dos seqüestradores



como terroristas. O termo é utilizado por mais quatro vezes na matéria, frisando uma suposta ligação com narcotráfico.

A *Folha*, mantendo o tom mais neutro que caracterizou a cobertura no dia anterior, publicou um caderno especial com oito páginas, em que retoma elementos típicos de outras narrativas, já utilizados na véspera: vitimização de Abílio; humanização do relato, inclusive em relação aos seqüestradores; relato em *flashback* (do desfecho para o início); e *happy end*.

Merece destaque a menção, na página 5, à possível ligação do seqüestro com o PT: “Fleury declarou que, apesar de terem sido encontradas camisetas e faixas do Partido dos Trabalhadores com os seqüestradores, não há nenhum indício de envolvimento do PT com o seqüestro”. Todavia, o “desmentido” só veio após o pleito, quando qualquer posicionamento não mais poderia influir no resultado. A publicação trata os seqüestradores de forma mais imparcial, mas cita, numa matéria, que:

A polícia também subestimou o armamento de seus inimigos. [...] Foram apreendidas duas metralhadoras e seis armas pequenas, além de um lote razoável de munição. Na verdade, depois que foram difundidas informações de que os seqüestradores poderiam ser perigosos terroristas internacionais, a polícia passou a temer que eles dispusessem de algum armamento pesado – como porta-granadas, por exemplo –, ou mesmo granadas-de-mão.

Embora evite o uso das expressões “quadrilha” e “bando”, a *Folha*, além de utilizar o termo “terrorista” com parcimônia, trata os seqüestradores pela palavra “inimigos”, o que sugere que devem ser combatidos. Vilões, portanto.

Os desmentidos sobre a ligação do seqüestro com o PT se tornam mais enfáticos a partir do dia 19, quando o resultado das eleições já era sabido. O *JB* relata o que qualifica como uma “trama policial”. Segundo o jornal, os advogados dos seqüestradores “denunciaram ontem que a polícia vestiu uma camiseta do candidato à Presidência da República pela Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva, em um deles e o fotografou, [...] a dois dias das eleições presidenciais”. Além disso, diz que referidos advogados teriam negado “a versão da polícia de que ao prender quatro dos dez seqüestradores, na última sexta-feira, foram encontradas com eles várias camisetas da Frente Brasil Popular” e que a camiseta com o nome de Lula que um dos presos usava “teria sido entregue pela polícia”. Essa versão foi desmentida, segundo o *JB*, pelo delegado responsável pelo caso, Gilberto Cunha, que “negou de forma taxativa as denúncias dos dois advogados, reafirmando que a polícia encontrou as camisetas da



Frente Brasil Popular no apartamento em que prendeu os quatro seqüestradores”.

A edição do mesmo dia de *O Globo* traz a versão de Saulo Ramos, que, alertando não ter recebido os relatórios sobre o episódio, negou haver “envolvimento político no caso”. Ponderou que a inexistência dessa ligação política seria importante até para Collor, vencedor nas urnas: “Poderia comprometer a legitimidade do pleito”, disse. *O Globo* relata que o ministro teria aventado a possibilidade de que “os seqüestradores podem ter usado a camiseta do PT como disfarce, aproveitando a eleição, e afirmou não tirar do episódio ‘as conseqüências que muita gente tira’”. Além disso, “rebateu a denúncia feita pelos seqüestradores [...] que teriam sido forçados por policiais a vestir as camisetas”. A publicação conclui: “Segundo Saulo Ramos, não se deve fazer a ligação entre o uso das camisetas e o PT”. Na mesma edição, o jornal publicou que, com a vitória de Collor no segundo turno, “há a impressão generalizada na direção do PT de que o seqüestro exerceu uma certa influência política”.

Em entrevista à *Folha*, ainda no dia 19, Fleury afirmou que o material de propaganda política encontrado na casa onde estavam escondidos os seqüestradores era composto por “cerca de sete ou oito faixas de plástico do candidato do PT. Dois dos seqüestradores usavam camisetas do partido. Pela quantidade, pareciam para uso pessoal. Havia também quatro agendas com telefones de alguns políticos do PT”. Indagado se a divulgação desta informação antes do pleito poderia ter prejudicado o PT, Fleury disse que “a própria *Folha* diz que não, em artigo publicado hoje [o artigo publicado ontem na pág. B-2 diz que ‘não há elementos científicos para afirmar que sim ou que não’]”¹³. Não houve qualquer tentativa de manipulação política do episódio”.

No dia 20, *O Globo* traz na página 13 a manchete: “Tuma: Seqüestro de Abílio não foi político”. O chapéu diz: “Diretor da Polícia Federal repudia ligação entre os criminosos e o PT”. Segundo o *lead*:

O Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal (DPF), Delegado Romeu Tuma, interferiu pessoalmente para que o seqüestro do empresário Abílio Diniz não fosse manipulado politicamente. Ele recomendou à polícia paulista que não permitisse fotografias dos seqüestradores com as camisas do PT, que, segundo versão de policiais, os criminosos estariam usando quando foram presos. Também não permitiu que a imprensa tivesse acesso à casa onde, também segundo alguns policiais, haveria material de propaganda da Frente Brasil Popular.

A publicação relata, no terceiro parágrafo, que Tuma teria admitido que a

¹³ Os colchetes fazem parte do texto original.



ligação do seqüestro com o PT poderia ter prejudicado o resultado das eleições.

Ele admite que a associação entre o seqüestro e o PT possa ter prejudicado Lula. O próprio Delegado não viu as supostas camisetas e repudia qualquer ligação do caso com o PT. A informação partiu do Secretário de Segurança de São Paulo, Antônio Fleury Filho, e acabou sendo contestada pelos próprios seqüestradores [...]. Eles afirmaram terem sido obrigados por policiais a vestirem as camisetas, após serem presos.

No mesmo dia, a *Folha* publicou que “Diniz afirmou que o assunto deve ser tratado ‘com cuidado’”, já que, para ele, não pareceu “que se possa deduzir uma ligação com qualquer facção política nacional ou internacional”. No dia 21, o jornal publicou na página 6 da sessão *Diretas-89*, uma matéria com o título: “Lado político do cativo de Diniz ainda é obscuro”. O *lead* relata que:

O seqüestro do empresário Abílio Diniz, ocorrido na semana passada em São Paulo, apresenta contradições que impedem de concluir se os criminosos eram meros delinqüentes ou se mantinham ligações com a extrema-esquerda. As versões dadas pela polícia e pelos negociadores divergem em vários pontos. Não foi esclarecido, por exemplo, por que a polícia anunciou sábado, véspera da eleição, sem provas conclusivas, o envolvimento do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) do Chile no seqüestro e fez ligação com o PT, tendo como base a presença de chilenos no grupo e material de campanha que teria sido encontrado pelos seqüestradores. Essas informações foram veiculadas por rádio, TV e jornais em todo o país. Os adversários políticos do PT fizeram uso eleitoral do caso.

No terceiro parágrafo, relembra as afirmações de Fleury, no sábado, dia 16, sobre a ligação dos seqüestradores com o MIR, além de sua suposta associação com o PT. Já no domingo à noite, portanto após fim das eleições, “disse que eram criminosos comuns”. Adiante informou que Bresser “afirmou que ‘houve por parte de algumas pessoas a tentativa de má-fé de demonstrar uma relação com o PT’”.

A *Folha* afirma, ainda, na retranca intitulada “Seqüestro pode ter prejudicado Lula”, que “São Paulo foi o único Estado onde Collor cresceu significativamente entre o sábado e o domingo”, segundo pesquisa de boca-de-urna realizada pelo DataFolha. Na retranca “PT condena em nota ‘uso político’ de seqüestro”, o jornal diz:

O Partido dos Trabalhadores divulgou uma nota oficial ontem afirmando que houve “odiosa exploração político-eleitoral” do seqüestro do vice-presidente do Grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz. Isso, segundo o partido, “prejudicou, de modo irreparável, o processo democrático e repercutiu sobremaneira em seu resultado”, colaborando para a derrota de Luis Inácio Lula da Silva.



Do exposto, podemos perceber que a *Folha* realizou a cobertura mais completa do seqüestro, além de ter adotado uma maior neutralidade.

Quanto ao fato de o seqüestro ter sido usado politicamente ou não, Conti esclarece que Fleury teria telefonado para os jornalistas Armando Nogueira e Alberico de Souza Cruz, da *Rede Globo*, afirmando que “eram fortes os indícios de que os seqüestradores de Diniz teriam ligações com o PT e perguntou se a Globo iria divulgar essa informação”. De acordo com a orientação de João Roberto Marinho, “a notícia deveria ser colocada no ar somente se alguma autoridade a assumisse publicamente”. Fleury recusou espaço no noticiário, alegando que não ficaria bem “dar uma entrevista sobre isso”. O autor conta, ainda, que Leopoldo Collor, irmão do candidato do PRN, pressionou a direção da *Globo* para que o episódio fosse divulgado: “‘A Globo deve dar a notícia porque a eleição do Collor depende disso’, disse o irmão do candidato do PRN ao jornalista [Alberico de Souza Cruz]”¹⁴. Segundo Conti, a edição daquela noite, sábado, 16 de dezembro, do *Jornal Nacional*, não estabeleceu qualquer associação do PT com o seqüestro. Entretanto, o *Estadão* publicou:

Na manhã de domingo, o dia da eleição, *O Estado de S. Paulo* noticiou na primeira página que “um padre da zona sul, simpatizante do PT, foi avalista da casa alugada pelos seqüestradores”. Fleury deu uma entrevista ao jornal dizendo ter sido encontrado material de propaganda petista numa casa alugada pelos seqüestradores. O *Estadão* transcreveu declarações de Saulo Ramos e Romeu Tuma negando que houvesse qualquer evidência de que os criminosos fossem ligados ao PT. Saulo Ramos levantou a hipótese de que os bandidos espalharam material de propaganda petista na casa para que, se fossem presos, se beneficiassem das penas mais brandas que a lei estabelecia para os crimes com motivação política. Uma das reportagens de *O Estado* relatou que Alcides Diniz, irmão do seqüestrado, sustentava que o PT participara do seqüestro. Mas a reportagem não esclarecia que Alcides Diniz era amigo de Leopoldo Collor e se engajara na campanha do candidato do PRN. A principal manchete do jornal *O Rio Branco*, do Acre, foi “PT seqüestra Abílio Diniz”¹⁵.

O autor afirma que a eleição foi decidida na última semana, “uma semana em que a imprensa esteve envolvida nos fatos principais”, e enumera os fatores que podem ter contribuído para a eleição de Collor, entre eles o seqüestro de Diniz¹⁶. Conti conclui:

Investigações posteriores provaram que nenhum militante do PT estivera envolvido no seqüestro de Abílio Diniz, realizado por aventureiros ligados a grupos esquerdistas da América Central. Os seqüestradores disseram em juízo que policiais civis os torturaram e, antes de os apresentarem à imprensa, os

¹⁴ CONTI, *op. cit.*, p. 272.

¹⁵ *Id. Ibid.*, p. 272.

¹⁶ *Id. Ibid.*, p. 275.

forçaram a vestir camisetas do PT. A Polícia Civil estava sob o comando do secretário da Segurança, Luiz Antônio Fleury Filho. A vítima, Abílio Diniz, protestou contra a tortura de seus algozes. Quase um ano depois, em outubro de 1990, o governador de São Paulo, Orestes Quércia, superior imediato de Fleury, disse numa entrevista ao *Estado de S. Paulo* que durante o seqüestro “houve pressões no sentido de que se conduzissem as investigações para envolver o PT”¹⁷.

Considerações finais

O conjunto da cobertura mostrou que houve um esforço por parte das publicações em situar os seqüestradores no pólo do mal, tratando-os pelos termos “bando”, “quadrilha”, “inimigos” e, com maior ênfase, “terroristas”. Note-se que a humanização do relato foi pouco detectada e, quando ocorreu, a intenção pareceu ser impedir que a audiência estabelecesse qualquer identificação com os seqüestradores. Isso se deu através da ênfase em características típicas dos vilões.

Observamos também que a cobertura realizada pela imprensa contribuiu para que o episódio fosse usado politicamente, podendo ter prejudicado o candidato Lula no segundo turno das eleições presidenciais de 1989. Como vimos, a estratégia utilizada foi um tratamento indistinto dos movimentos de esquerda, guerrilheiros ou não, e sua qualificação como terroristas.

A cobertura das três publicações não é conclusiva, já que reproduzem versões de diferentes fontes oficiais. De um lado, Fleury, que teria confirmado a existência de material de propaganda do PT no local onde os seqüestradores foram presos. De outro, Saulo Ramos e Romeu Tuma, tentando negar que o episódio tenha sido usado politicamente. De toda forma, de acordo com o que a *Folha* publicou, é fato que a associação do seqüestro com o PT prejudicou a votação de Lula em São Paulo.

O que se vê é que a versão mais convincente, inclusive em virtude do que relata Conti, é que houve uso político do seqüestro de Abílio Diniz, prejudicando o candidato de esquerda, Luís Inácio Lula da Silva, nas eleições presidenciais de 1989. Além de mencionadas “pressões”, a imprensa, voluntariamente ou não, acabou associando o seqüestro à eleição na medida em que deu a mesma importância aos dois episódios: é o que Serva qualifica como “submissão”, o que explicaria a repercussão que o caso alcançou. Além disso, mesmo que as afirmações acerca dessas supostas ligações não fossem conclusivas, a própria sugestão de haver envolvimento do PT no caso já é suficiente para interferir no resultado do pleito. Entretanto, não se pode afirmar que, se

¹⁷ *Id. Ibid.*, p. 277-78.



esta associação não tivesse sido sugerida à audiência, o resultado teria sido outro. Por outro lado, também não se pode negar que a imprensa militou, ainda que involuntariamente em alguns casos, para que Collor fosse eleito. A principal estratégia discursiva foi, mais uma vez, a polarização de personagens.

Referências bibliográficas

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRANCO, Alberto Silva. **Crimes Hediondos**. 6. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: Intercom, XXVIII, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. 1 CD-ROM.

RESENDE, Fernando. Jornalismo: narrativa e cultura como desafios. In: Intercom, XXVIII, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005-a. 1 CD-ROM.

_____. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. In: Compós, XIV, Niterói. **Anais**. Niterói: UFF, 2005-b. 1 CD-ROM.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Senac, 2001.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Diana Paula de. A construção de personagens jornalísticos no caso Abílio Diniz. In: Intercom, XXXI, Natal. **Anais**. Natal: UFRN, 2008-a. 1 CD-ROM.

_____. Caso Abílio Diniz: a construção de personagens jornalísticos na narrativa do jornal O Globo. In: Coneco, 2, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: PUC, 2007. 1 CD-ROM.

_____. Heróis e bandidos: uma análise da construção de personagens jornalísticos pela Folha de S. Paulo no caso Abílio Diniz. In: Coneco, 3, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008-b. 1 CD-ROM.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**, porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005-a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005-b.